

# CHASQUI



O CORREIO DO PERU

Ano 2, numero 5

Boletim Cultural do Ministerio de Relações Exteriores

Outubro de 2004



Martin Chacabuco Tapu, Anónimo, Cusco, 1740-1745. Óleo sobre tela. Museu Inca, Universidade San Antonio Abad do Cusco.

O BARROCCO PERUANO / IMPORTÂNCIA DA BIODEIVERSIDADE  
MEDICINA DE ALTURA / O SENHOR DOS MILAGRES



# A BIODIVERSIDADE DO PERU E SUA IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA

Antonio Brack Egg\*

O Peru é um país de extraordinária variedade de recursos vivos e ecossistemas, que hoje são conhecidos como diversidade biológica ou biodiversidade. Nosso país se encontra entre os países megadiversos do planeta, entre os que ocupa um dos cinco primeiros lugares.

A diversidade dos recursos genéticos é uma conquista dos grupos humanos aborígenes, que durante um processo de 10.000 anos no mínimo, domesticaram espécies de fauna e plantas nativas que selecionaram e adaptaram aos diversos pisos ecológicos. O Peru é um dos maiores centros mundiais de recursos genéticos, com umas 182 espécies de plantas e 5 de animais domesticados e é reconhecido como um dos centros de origem da agricultura e da criação de gado.

O Peru é um país de grande importância global por ter dado ao mundo cultivos e criações de sumo valor, especialmente a batata e o milho, que são dois dos quatro cultivos alimentícios mais importantes do mundo. Os recursos genéticos presentes no país são de importância estratégica para o mundo moderno e o Peru, nesse aspecto, tem rol decisivo. Da flora cacula-se que existem 25.000 espécies (10% do total mundial), das quais 30% são endêmicas. É o 5º país do mundo em número de espécies e um dos primeiros em número de espécies de plantas de propriedades conhecidas e utilizadas pela população (4.400 espécies). A família mais numerosa das plantas é a das orquídeas, das que o país tem mais de 3.000 espécies. Referente à fauna possui 462 espécies de mamíferos, 1.815 de aves, 395 de répteis, 408 de anfíbios, 2.000 de peixes e 4.000 de borboletas.

É o primeiro país em variedades de batata (9 espécies domesticadas e dezenas de variedades) de pimentas (5 espécies domesticadas e dezenas de variedades), de milho (36 ecotipos), de grãos, tubérculos e raízes andinas. É o maior centro de diversidade genética do algodão da América do Sul ou algodão peruano (*Gossypium barbadense*), que é um insumo de material genético imprescindível para melhoramento dos algodões cultivados, como o pima e o tangüis. Tem um altíssimo lugar em frutas (623 espécies), cucurbitáceas, plantas medicinais (1.408 espécies) e ornamentais (1.600 espécies), e plantas alimentícias (umas 1.200 espécies).

Possui 5 formas de animais domésticos: a alpaca, forma doméstica da vicunha (*Lama vicugna*) e cruzada com lhama, forma doméstica do guanaco (*Lama guanicoe*); o preá, forma domésti-



Paul Marcoy, *Garganta de Tunkini*, 1869

ca do poronccooy (*Cavia tschudii*); o pato crioulo, forma doméstica do pato amazônico (*Cairina moschata*) e a cochiniha (*Dactilopius coccus*).

No Peru deu-se um longo processo de domesticação de plantas e animais, nosso país é um dos centros mundiais de origem da agricultura e criação de gado. No Peru existem umas 182 espécies de plantas domesticadas nativas, das que 174 são de origem americana, introduzidas há séculos. As de origem amazônica são de 85 espécies; que representam o 46,96% do total. As de origem andina são 8 espécies, o 4,43 do total.

## ECOSSISTEMAS IMPORTANTES

O Peru possui ecossistemas de importância estratégica no mundo e que podem constituir um aspecto importante em negociações internacionais. Possui 66 milhões de hectares de bosques, sendo o segundo país na América Latina e o quarto no mundo em bosques tropicais. O mar peruano é uma das bacias pesqueiras mais importantes do planeta e está em bom estado de conservação se comparada a outras bacias pesqueiras marinhas. A puna ou pastos naturais andinos, com uma superfície de 18 milhões de hectares, é um ecossistema de enorme importância

global devido à sua biodiversidade. Destacam-se os lagos (Titicaca e Junin) com peculiaridades ecológicas e espécies endêmicas.

O Peru estabeleceu um Sistema de Áreas Protegidas pelo Estado de quase 17 milhões de hectares e que é um dos mais importantes do mundo. O Peru aplicou um amplo plano de conservação e uso sustentável das 66 milhões de hectares de bosques e que tem as seguintes características:

- Protegidas pelo Sistema de Áreas Protegidas: 12 milhões de hectares.
- Outorgadas a comunidades aborígenes amazônicas: 8 milhões de hectares.
- Bosques de Produção Permanente para concessões florestais: 24,5 milhões de hectares.
- A superfície restante de perto de 20 milhões de hectares são áreas do Estado.

## DIVERSIDADE HUMANA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

O Peru possui uma grande diversidade de culturas e conta com 14 famílias lingüísticas e no mínimo 44 etnias diferentes, 42 das quais se acham na Amazônia.

Esses grupos aborígenes possuem conhecimentos importantes sobre o uso e propriedades de espécies, diversidade de recursos genéticos (4.400 plantas de uso conhecido e milhares de variedades) e técnicas de emprego. Por exemplo, numa única hectárea de cultivo tradicional de batata no Planalto do Titicaca é possível encontrar até três espécies e dez variedades de batata. Isso significa mais que todas as espécies e dez variedades de batata. Isso significa mais que todas as espécies e variedades que são cultivadas na América do Norte.

## VALOR ESTRATÉGICO DA BIODIVERSIDADE PERUANA

O Peru, no sentido convencional, não tem uma posição estratégica a nível mundial que lhe conceda importância ressaltante no mercado geopolítico global. Na verdade não é um país com excepcionais recursos energéticos, como os países árabes, não domina rotas estratégicas para o comércio mundial através de canais ou estreitos, como



a Turquia, o Egito ou o Panamá; não tem um desenvolvimento tecnológico de importância global; não tem uma posição de poder por patentes ou aspectos relacionados; e desempenha um pequeno rol no mercado de capitais. No panorama atual, o único rol de importância que tem é ser um centro importante de cultivos ilícitos para drogas proibidas, que alimentam o narcotráfico mundial.

Como consequência, as grandes potências mundiais não o vem nem como ameaça para a segurança global nem como um país objetivo para garantir a segurança e estabilidade globais e torná-lo objeto de ajudas especiais em forma de inversões e resgates financeiros. Esse aspecto é crucial para o rol do país no concerto internacional e para negociar no âmbito geopolítico global.

Não obstante, o Peru é um dos países mais destacados em diversidade biológica e se situa entre os tres primeiros países megadiversos pela superfície de bosques tropicais (4º a nível global) que mantém cativas umas 15.000 milhões de toneladas de carbono; possui uma superfície apta para ser reflorestada de 10 milhões de hectáreas, com a possibilidade de recapturar umas 1.500 milhões de toneladas de carbono atmosférico; e o primeiro país em recursos genéticos de plantas domesticadas (182 espécies), de usos conhecidos (4.400 espécies), entre elas como já foi mencionado, 1.200 alimentícias e 1.408 medicinais; possui, como também foi dito, 5 espécies de animais domesticados e tem ecossistemas de importância global (bosques tropicais úmidos, bosques secos, punas, bosques de neblina, mar frio).

Essas estatísticas de biodiversidade dão ao Peru uma importância estratégica a nível global porque o século XXI será o da biotecnologia e da engenharia genética. Este aspecto terá que ser resgatado e desenvolvido pelo país de maneira estratégica para transformar a biodiversidade numa vantagem competitiva. O país pode ter um rol muito importante nas negociações internacionais sobre a biodiversidade e os recursos genéticos, em tudo o relacionado à mudança climática e os aspectos referidos à manutenção do equilíbrio do carbono na atmosfera. Como consequência, o país deve desenvolver sua capacidade de negociação em tudo o relacionado à segurança alimentar mundial, à segurança da saúde (plantas medicinais) e à segurança global no que se refere às variações climáticas.

É preciso fazer o máximo esforço para que a biodiversidade seja o recurso estratégico do Peru no século XXI e chegar a ser uma potência em patentes de recursos genéticos, na manutenção do equilíbrio climático global e no desenvolvimento de novos princípios ativos para a indústria farmacêutica.

O potencial do país para o desenvolvimento de novas atividades econômicas baseadas na biotecnologia é extraordinária, especialmente nos aspectos relacionados com produtos



Paul Marcoy, *Tunki peruvianis*, 1869

farmacológicos, cosméticos, tinturas e corantes, além de plantas ornamentais.

A obtenção de novos produtos químicos de importância estratégica para a indústria farmacêutica baseados nas numerosas plantas medicinais presentes no país (1.400 espécies) é uma das grandes possibilidades. Algumas já foram integradas à produção

de crescente interesse (cochonilha, achiote, milho roxo, airampo) mas dezenas de espécies conhecidas por suas propriedades de tintura ainda não foram consideradas.

O desenvolvimento das plantas ornamentais (flores, folhas e plantas de interior) constitui um item econômico em expansão mundial. Do Peru se conhecem e usam perto de 1.600 espécies de plantas ornamentais, sendo que poucas espécies são aproveitadas para uma produção econômica. É lamentável que o país tenda a cultivar plantas ornamentais forâneas, sem ver o potencial de espécies nativas sumamente atraentes (árceas, samambaias, orquídeas, bulbosas, etc.).

O mesmo acontece com o desenvolvimento de pesticidas naturais ou biopesticidas feitos de numerosas espécies de plantas e a nimais conhecidos no país para esse uso.

Diversidade biológica e tratados internacionais

Nas negociações internacionais o Peru deve cuidar sobremaneira sua diversidade biológica, especialmente os recursos genéticos e os conhecimentos

os países desenvolvidos e o nosso. O acesso à biodiversidade peruana e aos conhecimentos associados não poderá ser feito sem que medie uma contraproposta econômica ou de cooperação para sua conservação e desenvolvimento.

O tema das negociações está muito concentrado no comércio e no acesso aos mercados, o que traz o perigo de que não se dê a devida importância aos recursos genéticos e conhecimentos tradicionais. Dessa maneira pode se chegar a ceder facilmente perante os interesses dos países desenvolvidos.

Nesse sentido, o Estado peruano precisa desenvolver um consenso político e uma claríssima posição em defesa dos direitos dos agricultores e dos conhecimentos tradicionais relacionados aos recursos genéticos. Também precisa tirar proveito da importância estratégica do mar, da puna, da floresta amazônica e outros recursos.

Esses aspectos são essenciais nas negociações internacionais e o país tem a vantagem de ter ratificados todos os tratados e convênios relacionados. Do mesmo modo, é importante que o país registre os recursos genéticos de origem claramente peruana antes de que outros países ou empresas o façam.

Sempre se menciona a falta de recursos para atender às necessidades de investigação e registro de nossa biodiversidade. Uma das possíveis soluções seria conseguir através das negociações, acordos ou alianças de cooperação mútua com os países avançados para desenvolver iniciativas mutuamente benéficas, tanto no campo científico como no econômico.

É preciso lembrar que o século XXI será marcado pelos problemas ambientais, o desenvolvimento da biotecnologia e o avanço do domínio de empresas sobre o sistema de patentes e registros. O Peru, como país megadiverso, não deve de maneira nenhuma negligenciar esses aspectos, porque qualquer descuido pode aprofundar os problemas de pobreza e dependência externa. O país não deve ceder posições além do estabelecido no Convênio sobre Diversidade Biológica e as decisões da CAN sobre o acesso aos recursos genéticos e deveria usar sua favorável posição no referente à biodiversidade para comprometer a cooperação científica, tecnológica e financeira para a conservação de bosques, áreas protegidas, manejo florestal e reflorestamento. Temos conseguido avanços importantes com a ratificação dos tratados internacionais, mas no campo das negociações comerciais ainda temos muito caminho a percorrer. ●

## «Deve ser feito o maior esforço, para que a biodiversidade seja a renda estratégica do Peru no século XXI e chegar a ser uma potência em patentes de recursos genéticos, na manutenção do equilíbrio climático global e no desenvolvimento de novos princípios ativos para a indústria farmacológica».

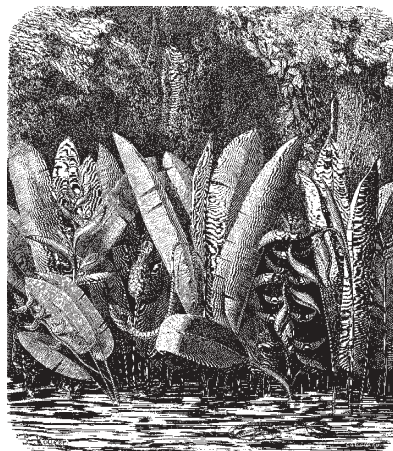
farmacêutica, mas a maior parte ainda precisa ser bem estudada. A indústria farmacêutica mundial negocia US\$ 400 bilhões anuais e atualmente enfrenta uma séria crise na obtenção de novas drogas, especialmente para controlar doenças como a AIDS, vários tipos de câncer e outras de origens psíquicas.

Outro ponto de interesse é o de produtos cosméticos e derivados (aromas, perfumes, óleos, etc). As empresas cosméticas geram uma crescente demanda de certos produtos naturais de zonas tropicais que são comercializadas com a etiqueta do «produtos dos bosques tropicais». As empresas privadas que se dedicam a essa atividade são de dois tipos: uma que compartilham os lucros com a população local para beneficiá-la e outras que são estritamente comerciais. Essa atividade deu origem a novas empresas internacionais e o país se mostrou muito tímido perante esse potencial. É preciso destacar o potencial de óleos naturais, novos aromas, tintura para cabelo e diversos produtos que atenuam os efeitos do envelhecimento.

Em relação ao desenvolvimento de tinturas e corantes naturais para a indústria alimentícia, de fibras e têxtil, algumas espécies despertaram um

relacionados a eles, incluindo os direitos dos povos originários e dos agricultores.

Num mundo cada vez mais globalizado, os recursos genéticos e os conhecimentos tradicionais terão um papel preponderante. O norte desenvolvido investe muito capital para conseguir recursos genéticos e dominar seu uso, na base do sistema de patentes sobre os recursos vivos. Não obstante precisamos estar conscientes de que o país possui uma enorme bagagem de recursos vivos, o que implica implica uma justa e harmoniosa relação entre



Paul Marcoy, *Canaviais do Ucayali*, 1869

\* Ecologista peruano, doutor em Ciências Naturais, assessor do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas. Entre suas numerosas publicações, ver o VI tomo da Enciclopédia Temática do Peru: *Ecología*. Orbis Ventures S.A.C., Lima, 2004, que distribui o jornal *El Comercio*.



# NERUDA EM MACHU PICCHU

Luis Nieto Degregori \*

No centenário de seu nascimento, lembrança de um visita inspiradora do grande poeta chileno.

No dia 20 de outubro de 1943, uma nota aparecida na primeira página do jornal *El Comercio* do Cuzco, junto a notícias sobre a guerra mundial, registrava a presença em Lima do poeta chileno Pablo Neruda. O ilustre visitante tinha visitado na véspera o palácio de governo, onde conversou com o presidente Manuel Prado. Sua visita ao Peru era parte de um périplo que estava realizando por vários países da costa do Pacífico, depois de deixar o cargo de Cônsul Geral de seu país no México.

Uma semana depois, à tardinha da terça-feira 26, o trem proveniente de Arequipa trazia Neruda e sua esposa Delia del Carril até Cuzco. Acompanhavam o poeta, Estevam Pavletich, então Diretor de Imprensa e Propaganda do Ministério de Governo, e o senador pelo Cuzco, Uriel García. Nessa mesma noite, em uma cerimônia realizada no salão consistorial do Conselho Provincial, o poeta era declarado Hóspede Ilustre pelo prefeito Óscar Saldívar.

Poucos dias depois, domingo dia 31 pela manhã, no Teatro Municipal, as instituições culturais e gremios de artistas e trabalhadores do Cuzco rendem outra multitudinária homenagem ao autor de *Residência na terra*. As palavras de saudação ficam a cargo do poeta cusquenho Luis Nieto Miranda, que tinha conhecido Neruda durante os anos que passou desterrado no Chile e

com quem compartilhava a militância comunista.

«Pablo Neruda, esta é a tua casa» intitula Nieto o discurso poético que leu nessa manhã e do que tiramos algumas linhas. «Pediram-me que cumprimente a este poeta combatente, a este coração feito com o aço blindado da manhã. Mirem-no, aqui o têm».

A presença de Neruda foi saudada com uma ovação que durou vários minutos. Em seguida o poeta começou seu recital com a declamação de dois dos *Vinte poemas de amor* e com poemas, entre outros de *Espanha no coração* e *Residência na terra*. Despediu-se do público, depois de mais de uma hora de leitura, com seu «Novo canto de amor a Stalingrado», então ainda inédito.

No dia seguinte, segunda-feira 1º de novembro, Neruda e sua esposa tomaram o trem para viajar a Arequipa, voltando ao Chile. Na estação o visitante foi despedido por comissões de instituições culturais e dos sindicatos da cidade.

A imprensa cusquenha não informa da viagem que o poeta fez a Machu Picchu, mas é fácil deduzir que se realizou entre a 3ª feira de sua chegada e o domingo quando foi homenageado. Existe uma fotografia de Neruda na cidadela inca, em companhia de Uriel García. E entre o material que registra a gestação de *Canto geral*, informa-se que Neruda tinha na sua biblioteca

particular um exemplar do *Guia turístico do Cuzco*, de Luis E. Valcárcel.

Esses dois dados, aparentemente pouco significativos, adquirem real importância se tomamos em conta que, como assinalaram os estudiosos da vida e obra de Neruda, a visita a Machu Picchu foi gravitante para que o *Canto geral* se estendesse não só ao espaço e história do Chile, mas aos de toda a América. Uriel García e Luis E. Valcárcel são os pilares do indigenismo cusquenho. Além disso, ambos eram



O poeta com Uriel García na cidade sagrada.

profundos conhecedores do passado pre-hispânico do Cuzco. García tinha publicado ainda em 1922 seu livro *A cidade dos incas. Estudos arqueológicos*, Valcárcel, já nos anos vinte tinha publicado seus primeiros estudos sobre Machu Picchu e dirigido, a começos dos anos trinta as primeiras escavações arqueológicas em Sacsayhuamán.

Neruda teve pois, durante sua visita a Cuzco, as personalidades mais indicadas para que o introduzisse, um deles pessoalmente e outro a través do livro, ao passado dos incas, como assinalaram seus biógrafos. «Alturas de Machu Picchu» foi escrito na Ilha Negra, em setembro de 1945, dois anos depois da visita a Cuzco, e cinco anos depois aparecia, no México, a primeira edição.

«O Cuzco é o útero sagrado da América» tinha dito o poeta durante a visita, como consigna o quinto número da revista *Garcilaso*. «Machu Picchu tem um cenário de natureza maravilhoso e único. Sua lembrança será indelével nesta peregrinação de liberdade e alerta que estou realizando pelas promitentes terras de nosso continente».

\* Narrador cusquenho. Sua novela *Notícias verdadeiras sobre a Grande Cidade do Cuzco* aparecerá em breve.

1943

«Mas antes de chegar ao Chile fiz outra descoberta que agregaria um novo estrato ao desenvolvimento de minha poesia. Detive-me no Peru e subi às ruínas de Machu Picchu. Subimos a cavalo. Ainda não havia estrada. Desde o alto vi as antigas construções de pedra rodeadas pelas altíssimas cumes dos Andes verdes. Desde a cidadela carcomida e roída pelo passar dos séculos se despenhavam torrentes. Massas de névoa branca se levantavam desde o rio Wilcamayo. Senti-me infinitamente pequeno no centro daquele umbigo de pedra; umbigo de um mundo desabitado, orgulhoso e eminente, ao que de algum modo eu pertencia. Senti que minhas próprias mãos tinham trabalhado ali em alguma etapa longuinha, cavando sulcos, alisando penhascos. Senti-me chileno, peruano, americano. Tinha encontrado naquelas alturas difíceis, entre aquelas ruínas gloriosas e dispersas, uma profissão de fé para a continuação do meu canto. Ali nasceu meu poema «Alturas de Machu Picchu».

Pablo Neruda. *Confesso que vivi. Memórias*, p. 229.

«Neruda retorna de avião ao Chile, mas fazendo pausadas escalas se detem em Lima, Peru, onde pronuncia no dia 21 de outubro um discurso muito importante no que evoca os libertadores de América

## TESTEMUNHAS E OUTRAS VISITAS

(Sucre, Bolívar, O'Higgins, Morales, Artigas, San Martín, Mariátegui) e chama César Vallejo de «um dos faróis da América». No Peru também visita Cuzco e Machu Picchu. A impressão que lhe causa a remota capital dos incas terá que amadurecer num magnífico poema, um dos primeiros do *Canto geral*, e espinha dorsal da sua nova visão americana. Frente à monumental cidade de pedra, Neruda fica absorto. Um amigo que o acompanha e espera sem dúvida alguma frase para a história, pergunta-lhe o que acha. O poeta só atina a responder: «Que lugar para comer um assado de cordeiro!», a frase que os bobos criticam porque talvez tivessem preferido algo na linha napoleônica de: Soldados, desde o alto dessas pirâmides, etc. Neruda, que em Machu Picchu alcança finalmente o umbigo da América, sente uma emoção demasiadamente poderosa e por isso se evade com uma frase irônica na melhor tradição do roto chileno».

Emir Rodríguez Monegal. *O viajante imóvel, introdução a Pablo Neruda*, p.112.

1966

«Fazia tempo que os escritores peruanos, entre os que sempre contei com muitos

amigos, pressionavam para que me fosse dada no seu país uma condecoração oficial. Confesso que sempre achei as condecorações um tanto ridículas. As poucas que puseram em meu peito sem nenhum amor, por funções desempenhadas, por permanências consulares, isto é, por obrigação ou rotina. Passei uma vez por Lima e Ciro Alegria, o grande novelista de *Los perros hambrientos*, que então era presidente dos escritores peruanos, insistiu para que me condecorassem em sua pátria (...). Além disso, o presidente nessa época, o arquiteto Belaúnde, era meu amigo e leitor. Embora a revolução que o expulsou depois do país com violência deu ao Peru um governo inesperadamente aberto aos novos caminhos da história, continuo acreditando que o arquiteto Belaúnde foi um homem de irrepreensível honestidade, empenhado em tarefas algo quiméricas que finalmente o afastaram da realidade terrível, separando-o de seu povo que tão profundamente amava. Aceitei ser condecorado, desta vez não por meus serviços consulares, mas por um de meus poemas. Além disso, e não é de menor importância, entre os povos do Chile e do Peru ainda ficam feridas sem cicatrizar. Não só os esportistas, os

diplomatas e os estadistas devem se empenhar em enxugar esse sangue do passado, mas também e com mais razão os poetas, cujas almas tem menos fronteiras que as demais».

Pablo Neruda, *op. cit.*, pp. 433-434.

1970

«Poucos dias depois recebi uma carta de Neruda: voltava de Europa, de barco, queria se deter brevemente em Lima e dar um grande recital em benefício das vítimas do terremoto. Desejava, se possível, hopedar-se em minha casa e que, fora o recital, sua visita fosse inteiramente privada. Queria gozar da comida limenha e reservar uma noite para comer, entre amigos de confiança, esses camarões soberbos que só podiam ser conseguidos em poucos restaurantes da cidade (...). Também contei parcialmente a visita que Neruda fez em Lima ao general Velazco Alvarado (...). A verdade é que o poeta ficou encantado com esta conversa e o convite para almoçar. Sua reação foi curiosa e ao mesmo tempo completamente típica. «Que poeta mais sensato!» disse a Sergio Larraín ao encontrá-lo dois ou tres dias depois numa cerimônia e repetiu a frase umas duas vezes, surpreso e pensativo: «Que poeta mais sensato!».

Jorge Edwards. *Adiós poeta*, p.211.

## Vigência de Arguedas

Aparece valiosa antologia da obra excepcional de José Maria Arguedas (Andahuaylas, 1911 - Lima, 1969). Aqui, um fragmento do prólogo escrito pelo sociólogo Gonzalo Portocarrero.

Se tentáramos «formalizar» a perspectiva arguediana teríamos que assinalar os seguintes elementos:

1) Arguedas viu o Peru como um país muito antigo, possuidor de um legado cultural várias vezes milenar. Interessou-lhe, portanto, uma aproximação que identificara o jogo de continuidade e de quebras que fundamentam as expressões culturais do Peru contemporâneo. Não à toa traduziu os manuscritos de Huarochiri, o texto mais antigo da história do país. Também não era gratuito que, inspirando-se nesse texto, tentara recolher todas as vozes dessa «fervura» que foi Chimbote na década dos 60.

2) Mesmo que seu projeto tivesse um fundamento ético-político, Arguedas não se dedicou à política partidária. Atuou e pensou desde –e sobre– a cultura. Não se trata de uma inclinação vocacional. Foi também um a opção deliberada. Na realidade, Arguedas, pensava que a cultura era um campo estratégico. Se a sociedade peruana conseguisse um novo sentido comum, mais acorde com sua história e possibilidades, a perspectiva de um futuro seria então muito mais nítida e mobilizadora. Para começar, o mundo mestiço deveria perceber o valor e a vitalidade do negado ancestral indígena. A militância cultural de Arguedas se projetou em múltiplos campos: a literatura (poesia, narrativa e ensaio), a música, a dança e a festa, a antropologia, a educação. Em todas essas frentes buscava libertar o reprimido, dar a conhecer o negado. Finalmente, aproximar as pessoas através do questionamento dos prejuízos que as separam, legitimando a opressão.

3) Arguedas era dolorosamente consciente dos conflitos da sociedade peruana. O racismo crioulo despreza e desumaniza o índio. E, enquanto isso, no mundo indígena existe um grande ressentimento e um ódio potencial contra tudo o associado à opressão. Apesar disso, prevalece no Arguedas mais propositivo a consigna de que «não haja raiva», o construir o Peru de «todos os sangues».

4) Como assinalou Carmen Maria Pinilla, Arguedas põe em prática uma forma de conhecimento em que a intuição e a sensibilidade cumprem um grande papel. A verdade está no particular que é inesgotável, mas apesar de tudo, é possível se aproximar à sua complexidade de um modo fundamentalmente indutivo. Arguedas não se comprometeu a nenhuma teoria social; privilegiou os fatos da experiência, os dados a que apostaram suas observações. Isso não significa que não haja uma ontologia do social em sua obra. Mas Arguedas não tratou de conceitualizá-la. Preferiu fazê-la trabalhar, colocá-la em funcionamento. Além do mais, Arguedas transitou entre o conhecimento simbólico e o conceitual sem tropeços. A arte e a ciência eram para ele duas maneiras diferentes mas complementárias de ver o mundo. Arguedas esteve, pois, muito longe do positivismo científico e do expressionismo literário. A ciência necessita do conhecimento simbólico produzido pela arte, assim como a arte requer dos fatos registrados pela ciência. Arguedas elabora textos que desafiam qualquer tentativa de classificação, onde se fundem e potencializam a literatura e a antropologia.

5) Arguedas não recusou o racionalismo, mas também não abjurou do «mágico». A dimensão «mágica» se fundamenta na afirmação certa do desejo, na presteza para a fé, na abertura à esperança. Um apego irreflexivo à vida. Esta dimensão está enraizada na tradição andina e se projeta numa visão «encantada» do mundo. A vida prolifera e convida os indivíduos e as comunidades ao sonho e ao mito como formas de se afirmarem nela. Arguedas pensa numa modernidade endógena. O Peru não deveria se limitar a copiar ou imitar, pois essas atitudes implicariam dar as costas à sua história. Precisamente o grande problema que o inquieta em seus últimos anos é o encontro entre o mundo andino, representado pelos migrantes, e a modernidade.

6) Para Arguedas o primordial é o complexo e o plural. Daí sua rejeição ao monolinguísmo e seu cuidado para identificar todas as vozes, todos os pontos de vista existentes numa realidade. Arguedas não sataniza nem excomunga; tenta compreender o outro, o diferente. ●



José María Arguedas. ¡Kachkaniraqmi! ¡Sigo siendo!. Recompilação e notas: Carmen Maria Pinilla. Fundo Editorial do Congresso do Peru. Lima, 2004, 668 pp. fondoeditorial@congreso.gob.pe <http://congreso.gob.pe>

## ANTONIO CISNEROS / POESIA



Só um verão me  
outorgais poderosas

I.m. Lucho Hernández

E chegado o momento se abrirá como o Mar Vermelho  
sob o sol de nossos pais ou a luz de uma sala de emergência.  
(Nem o verão de Hölderlin me outorgais oh Parcas poderosas.)  
Já não esses camarões com amêndoas. Já não são fastas as  
manhãzinhas ou nefastas.  
Já só uma pradaria inacabável onde pasta o potrinho e nos  
ama o Senhor.  
Perdoa-me Senhor. Aterra-me essa pradaria inacabável. Sigo a vida.  
Como a raposa silente atrás dos rastros de uma toupeira à meia-noite.

Sólo un verano me otorgáis poderosas

I.m. Lucho Hernández

Y llegado el momento el tiempo se abrirá como el Mar Rojo  
bajo el sol de nuestros padres o la luz de una sala de emergencia.  
(Ni el verano de Hölderlin me otorgáis oh Parcas poderosas.)  
Ya no esos camarones con almendras. Ya no son fastas las  
mañanitas o nefastas.  
Ya sólo una pradera inacabable donde pasta el potrillo y nos ama el Señor.  
Perdóname Señor. Me aterra esa pradera inacabable. Sigo a la vida  
Como el zorro silente tras los rastros de un topo a medianoche.

As almas do purgatório

A Virgem do Carmo se bamboleia na parte superior do cenário. Não é grande coisa, talvez, se a comparo com a Virgem de Lourdes, tão serena, ou com a pompa de Nossa Senhora de Paris. Seus olhos compassivos, no entanto, enchem-me de consolo. Tal como as filas de faróis quando o dia se acaba e a noite não chega. As luzes amarelas dos postes sobre o acantilado. Só há de se ver o modo como carrega o Menino Deus. Não como as mães principiantes, sempre atribuladas, predispostas a deixá-lo cair ao primeiro empurrão. Esse rosto impassível, pelo contrário, de matrona mais que de madona, nos anuncia que atrás da morte, onde cessam a gula e o afã, há um manto protetor para esta pobre alminha, já livre das carnes registradas pelas tomografias, sem tempo nem memória e, no entanto, ardendo como um porco dentro do fogão. Impossível, é verdade, imaginar-se todo esse sofrimento sem ter a certeza de que a Santa Virgem do Carmo, gorducha e bonachã, vai nos estender seus braços quando passem milhares de anos ou milhões talvez (no purgatório, claro, não existe tempo) e enxugar nosso pranto e nos deparar de piolhos e alimárias com paciência infinita. Enquanto nas alturas ressoam os trombones e na terra os netos adorados nos festejam com ramos de algarobeira e um tambor.

Las ánimas del purgatorio

La Virgen del Carmelo se bambolea en la parte superior del escenario. No es gran cosa, tal vez, si la comparo con la Virgen de Lourdes, tan serena, o con la pompa de Nuestra Señora de Paris. Sus ojos compasivos, sin embargo, me llenan de consuelo. Igual que las hileras de faroles cuando el día se acaba y la noche no llega. Las luces amarillas de los postes sobre el acantilado. Sólo hay que ver el modo en que sostiene al Niño Dios. No como las madres primerizas, siempre atribuladas, predisuestas a dejarlo caer al primer empellón. Ese rostro impasible, por el contrario, de matrona, más que de madonna, nos anuncia que detrás de la muerte, donde cesan la gula y el afán, hay un manto protector para esta pobre almita, ya libre de las carnes registradas por las tomografías, sin tiempo ni memoria y, sin embargo, ardiendo como un chanco entre el fogón. Imposible, es verdad, imaginarse todo ese sufrimiento sin tener la certeza de que la Santa Virgen del Carmelo, rechoncha y bonachona, va a extendernos sus brazos una vez pasados miles de años o millones tal vez (en el purgatorio, total, no existe el tiempo) y enjugar nuestro llanto y despojarnos de piojos y alimañas con paciencia infinita. Mientras en las alturas resuenan las trompetas y en la tierra nos festejan los nietos adorados con ramas de algarrobo y un tambor.

Antonio Cisneros (Lima, 1942) é considerando um dos mais importantes poetas hispano-americanos. Há pouco recebeu o Prêmio José Donoso, no Chile. Sua *Poesía Completa* foi reunida por Peisa (Lima, 2001) e acaba de aparecer no Brasil uma improtante tradução de sua obra.



# ARTE E IDENTIDADE D

Três amostras notáveis –uma em Barcelona, primeiro, e agora em Madri; outra no Museu Metropolitano de Nova Iorque, depois– de um apaixonante período da arte americana. Nestas páginas, quadros emblemáticos

## O PROBLEMA SEMÂNTICO

Durante mais de sete décadas os historiadores da arte ibero-americana ensaiaram diversos termos para descrever a natureza e o significado da arte barroca no vice-reinado peruano. Já nos anos vinte e quarenta, quando se iniciaram as investigações sobre a plástica e a arquitetura do vice-reinado, tentou-se definir sua originalidade em base à influência ou sobrevivência dos elementos indígenas na arte. O movimento indigenista ajudou a repensar o índio e o mestiço como ferramentas teóricas e ideológicas que faziam frente ao eurocentrismo imperante na historiografia acadêmica. Aliás, esses termos serviram de categorias reivindicatórias que permitiriam ao especialista fundamentar as diferenças entre o europeu e o americano. Apesar disso a dificuldade em determinar os alcances reais do índio e do mestiço –para mencionar os debates que ocasionaram esse vocábulo– dão a maedida exata da complexidade do problema semântico e hermenêutico (...).

O problema semântico escondia dois métodos de análise ou de idéias incompatíveis sobre o sentido e natureza das artes americanas. Enquanto um Leopoldo Castedo falava em 1972 da «reinterpretação mestiça dos símbolos cristãos», Ilmar Lux se sentia defraudado

pela análise pouco objetiva e científica de «os indigenistas que no seu afã para encontrar ou realçar os valores [nativos] inexistentes, distorcionaram mais de uma vez os contextos histórico-artísticos». Onde uns se regozizavam detectando os traços artísticos da «sensibilidade indígena», outros enxergavam artífices toscos ou inexperientes que por não compreenderem formal e conceitualmente os modelos europeus que imitavam, produziam somente cópias sem mérito original ou estético algum. Já em 1959 Sória assinalava a influência inegável de Flandres, Itália e Espanha nas artes americanas «coloniais» de ultramar.

Antes de tudo lembremo-nos que, desde o ponto de vista do Direito Indiano, uma «colônia» não era o mesmo que um «reino» ou um vice-reino: uma entidade superior que participava política e administrativamente nas Cortes convocadas pelo monarca hispano. Em 1542, ao ser criado o vice-reinado de Nova Castilha, efetivamente são chamadas *como as províncias ou reino do Peru*. Mas, devido à extensão geográfica de sua região, sua capital –a Cidade dos Reis– tinha uma dimensão política e protocolar única e privilegiada, dificilmente comparável com as realidades socio-políticas conhecidas na Europa. No momento de seu maior auge,

os reinos do Peru abrangiam o território que atualmente corresponde a dez repúblicas sul-americanas: Peru, Bolívia, Equador, Chile, Argentina, Colômbia, Venezuela, Panamá, Uruguai e Paraguai. Digamos, desde uma perspectiva política e jurídica, as artes do barroco peruano abarcavam todas as suas expressões regionais (...). Todas as subdivisões administrativas dentro do antigo vice-reino foram reformas borbônicas inovadoras realizadas em nome da eficiência, da rentabilidade e do centralismo absolutista franco-europeu. Mas não por isso a união histórica dos reinos do Peru deixou de ser o símbolo imperial que o inca Tupac Amaru II (1738-1781) tomara como bandeira reivindicatória. Ao se rebelar contra o regime espanhol, ele se proclamou: *Dom José Primeiro pela Graça de Deus, Inga Rei do Peru, Santa Fé, Quito, Chile, Buenos Aires e continentes dos Mares do Sul, duque da Superlativa, Senhor dos Césares e Amazonas com domínios no grande Paíti, Comissário e Distribuidor da Piedade Divina*.

Integrada ao sistema monárquico hispano, a sociedade do vice-reino não tinha uma mentalidade provinciana, mas sim periférica. Isto significava que apesar de ter acesso às inovações artística europeias que chegavam ao Novo Mundo através da comercialização de centenas de estampas e gravuras que difundiam as idéias artísticas e os preceitos estéticos e formais das composições flamengas, alemãs, italianas ou espanholas, os artistas rurais e urbanos do Peru preferiam interpretá-las sem regras, normas ou estilos artísticos fixos. Ao estar nos limites geográficos e culturais do mundo, em teoria a estrutura hierárquica e arcaica da ordem do vice-reino não estava traçada para mudar mas sim para durar como um projeto utópico fora de época. Mas, na prática, as crescentes contradições e conflitos entre os diversos grupos étnicos permitiram o surgimento de novos modelos de pensamento e representação discursiva que, utilizando muitas vezes os próprios tópicos religiosos e criações artísticas da metrópole, deslocam e desmontam a agenda centralista peninsular num processo de apropriação e reinterpretação cultural. Por isso, o que inicialmente foi considerado como um problema semântico, na realidade, presunha um sistema de valorização artístico eurocentrista que longe de estudar a tensa dialética entre centralis-

mo e marginalidade, só conseguia ver nos desafios e manifestações dissonantes do outrem americano formas degradadas da cultura do dominador. Por este motivo foi passado por alto um conjunto de outros dois temas não menos difíceis de definir: a questão do «estilo» artístico e o de suas «leituras» interpretativas.

## O PROBLEMA ESTILÍSTICO

Pouco se sabe ainda sobre as artes no Peru nos anos imediatos à fundação de Lima em 1535 e as guerras civis que lhe sucederam. Mas, no último terço do século XVI, chegam da Europa as idéias e formas artísticas do gótico, do mudéjar e do baixo renascimento. Entre 1575 e 1620/1650 intruduz-se e se desenvolve a plenitude do manierismo italiano que alguns preferem denominar contra-manierismo por se tratar de um estilo romano do final do século XVI associado com o espírito religioso de Trento e as composições gravadas de Flandres. Tres pintores inuguram essa tendência artística: o artista jesuíta Bernardo Bitti (1548-1610) quem sob encomenda da Companhia de Jesus e «desde sua chegada em 1575 aplica», segundo Tresa Gilbert, «as normas trintinas à pintura que realiza em muitas das grandes cidades do vice-reino peruano» (Lima, Arequipa, Ayacucho, Cusco, Juli Potosi, Sucre, e La Paz); Mateo Pérez de Alesio (perto de 1547-1607), um dos pintores da Capela Sistina, em Roma, chegado a Lima aproximadamente em 1587 com um grosso volume de gravuras que incluía as obras completas de Durero, e Angelino Medoro (1567-1633) (...). A influência das escolas madrilenha, valenciana e sevillhana de pintura e escultura, sobre as oficinas de Lima marca uma transição ao barroco, ainda pouco documentada (...).

No último terço de século XVII se consolidou a linguagem dos grandes pintores indígenas: Diego Quispe Tito (1611-1681?), Basilio Santa Cruz Pumacallo (ativo entre 1661 e 1700), Juan Espinoza de los Monteros, Juan Zapata Inca, posteriormente Marcos Zapata (ativo entre 1748 e 1773) e seu círculo, entre muitos outros. Já naquela época os ateliês de pintura cusquenha tinham se convertido em verdadeiras fábricas de quadros que exportavam centenas de pinturas a

2



3



4



# O BARROCO PERUANO

que e a terceira em Mônaco e Paris– e os dois rigorosos tomos de *O Barroco Peruano*\* permitem um novo olhar a este e extratos do estudo medular do destacado especialista Ramón Mujica Pinilla.



5

Tucumán, Santiago de Chile, La Paz, Lima, etc. Diferente dos pintores barrocos aditos ao claro-escuro, os artistas cusquenhos copiam e renovam a linguagem pictórica das estampas de Flandres, retomando muitas das composições alegóricas contra-reformistas de Pedro Pablo Rubens (1577-1640) ou outras provenientes do santoral medieval ou de evangelhos apócrifos. Modificam o tamanho das figuras dentro de sua estrutura compositiva, fazem interpretações livres do colorido e drapeado dos personagens ou agregam anjos, flores, aves locais ou inclusive filactérias com texto de doutrina cifrada. O que aparenta ser na sua pintura simples anacronismos históricos são, na realidade, sistemas de compromisso ou adaptação que ultrapassam o âmbito do puramente estético.

Não resta dúvida alguma de que durante o vice-reinado o índio peruano deixou uma profunda marca nas artes. Desde o ponto de vista acadêmico, seu estilo artístico não correspondia à estética europeia. Célebres são as zombarias feitas ao artista indígena dom Alonso Viracocha Inga quando começou a esculpir em Potosí sua milagrosa imagem da Virgem da Candelária que iniciaria os cultos regionais à Virgem de Copacabana e posteriormente Cocharcas (...) Foi precisamente pelos conteúdos étnicos do novo vestuário que,

depois da insurreição e condenação de Túpac Amaru em 1780, a administração borbônica proibiu que os descendentes dos soberanos incas vestissem suas túnicas tradicionais ou se retratassem com seus escudos heráldicos. ●

\* *O Barroco Peruano*. Compilação Bibliográfica: Glenda Escadillo. Textos: Ramón Mujica Pinilla, Pierre Duviols, Teresa Gisbert, Roberto Samanez Argumedo, María Concepción García Sáiz, Thomas Cummins, Fernando R. De la Flor, Sabine Mac Cormak, Scarlett O'Phelan Godoy e Luis Enrique Tord. Banco de Crédito do Peru. Lima, 2002, Tomo I, 333 pp; Tomo II, Lima 2003, 335 pp. [www.viabcp.com](http://www.viabcp.com)

Ver também os importantes catálogos das amostras *Peru Indígena y Virreinal*, que se exhibe até o dia 9 de janeiro na Biblioteca Nacional de Madri e estará posteriormente no National Geographic Society de Washington, *The Colonial Andes, Tapestries and Silverwork*, 1530-1830, no Museu Metropolitan de Arte de Nova Iorque até o próximo 12 de dezembro; *Esplendor da Pintura Peruana durante os séculos XVII e XVIII*, coleção do Museu de Osma, no Grimaldi Forum de Mônaco até o dia 5 de dezembro e dia 10 de dezembro ad 12 de fevereiro na Fundação Mona Bismark, em Paris.

1. *Matrimônio de Dom Martín de Loyola com Dona Beatriz Ñusta*. Anônimo. Escola cusquenha. Fins do S. XVII. Óleo sobre tela. Igreja da Companhia, Cuzco.
2. *Nossa Senhora do Rosário Pomata*. Anônimo. Óleo sobre tela. Igreja de Santa Clara, Ayacucho.
3. *Jesús Inca ou o Inca Messiânico*. Anônimo cusquenho. S. XVIII. Coleção particular, Lima.
4. *Arcanjo arcabuzeiro Esriel*. Anônimo. Escola cusquenha. Óleo sobre tela. S. XVIII. Coleção particular.
5. *Captura de Atahualpa*. Óleo sobre tela. Convento de Santo Domingo, Cuzco.

# REINO DA LÚCUMA

Mariella Balbi

Fragmentos de um vistoso livro\* em homenagem ao magnífico fruto ancestral.

## SIGNIFICADO DA LÚCUMA NO MUNDO PRE-HISPÂNICO

**S**e para o mundo cristão a maçã esteve presente na criação do universo e constitui um símbolo, na cosmovisão dos antigos peruanos esse lugar é ocupado pela lúcuma. Mas não somente possui um significado alegórico, testemunha de importância na dieta diária, por ser uma boa fonte de carboidratos, rica em minerais e vitaminas. Estamos, então, diante de um fruto simbólico, nutritivo e também medicinal.

A lúcuma parece estar associada à fertilidade no imaginário pre-hispânico. As escavações realizadas indicam que os solos que a produzem são ricos em componentes que permitem o cultivo de várias outras plantas alimentícias. Para a arqueóloga, especialista em botânica, Elia Centurión, sempre está vinculada à boa terra com suficientes recursos hídricos. Além do mais, sua forma é sensual, plástica, fácil de associar a um seio que nutre. Quando se corta o pedúnculo ou uma fruta ainda não madura, aparece um líquido leitoso que reforça essa imagem (...).

O meio geográfico onde se localiza a maior quantidade de restos vegetais é nos vales costeiros. Do trabalho arqueológico, Centurión observa que os vestígios da lúcuma encontrados nas diversas jazidas pre-hispânicas indicariam que esse cultivo se intensifica paulatinamente a partir da cultura mochica, em 200d.C. aproximadamente. Esta data marca o início de um grande consumo dessa fruta graças à agricultura intensiva de irrigação, adubos e novos instrumentos de trabalho, o mesmo que decaiu com a conquista espanhola. Durante esse período pode ser apreciada uma tríade de alimentos básicos que sustentavam a dieta pre-hispânica: a lúcuma junto com o pacaie ou guaba, o milho e as leguminosas, definido por Lumbreras como o «Complexo do Milho ou Mesotérmico». Nas zonas altas as leguminosas foram substituídas pela quinoa e a quivicha.

Dentro do gênero *pouteria lúcuma*, podem ser encontradas 32 variedades, muitas delas silvestres. As primeiras evidências encontradas remontam a 8.000 anos a.C., no Vale de Huaylas, Ancash (...). Apesar de leve a madeira da árvore da lúcuma também foi utilizada em trabalhos de carpintaria e marcenaria. Os postes ou bases que



Fotos: Hans Stoll

sustentavam o santuário de Pachacamac são de madeira de lúcuma. Também se encontrou nessas ruínas um impressionante totem de duas caras que representa o deus Pachacamac, talhado com figuras de milhos, muitos animais e personagens antropomorfos. O totem dessa divindade era um dos mais importantes e temidos oráculos da área andina,

que era consultado sobre o destino dos homens e futuro das colheitas entre outras preocupações. Pelas escavações realizadas sabemos que entre várias outras oferendas, o milho e a lúcuma tem maior preponderância.

## CRENÇAS E USO DA LÚCUMA NO ATUAL MUNDO ANDINO

A lúcuma é encontrada na costa, serra e selva alta, e usada

cotidianamente como alimento que alivia o viajante, servido de lanche, ou como fruta acessível para acalmar a fome.

É igualmente considerada uma planta medicinal. Suas folhas são usadas para curar irritações de pele, na selva alta o suco de lúcuma é utilizada para aliviar a diabetes, com resultados positivos como dizem os que tomam suco de lúcuma com essa finalidade. As folhas também são uma boa tintura de tecidos.

O habitante dos Andes mantém ainda um forte vínculo, não só utilitário mas também simbólico com a lúcuma. As crenças que existem sobre ela nos dizem da sua vigência no pensamento mágico do peruano dessas zonas. Em Cajamarca, por exemplo, existe a convicção de que se apontar com o dedo uma árvore de lúcuma, o dedo apodrece e cai. Em Ayacucho, é temida e respeitada: à noite é melhor evitar os lugares próximos às árvores de lúcuma porque estão povoados de fantasmas, são lugares enfeitados onde moram corujas e sempre é preferível não ter uma árvore dessas para evitar sortilégios. Note-se que Ayacucho produz e consome muita lúcuma, os habitantes de Huanta são conhecidos como grandes «comilões» desse produto, do qual até os bebês se alimentam. Por esse motivo são apelidados de *lúcuma supí*. Quando fazem oferendas às montanhas (*apus*) para curar uma criança, são de diversas frutas, incluindo a lúcuma.

*Lúcuma nhahui* é uma expressão usada em Huancavelica para designar quem tem olhos inchados ou desorbitados. A crença popular diz que quando um caroço de lúcuma cai nos olhos de alguém, fica imediatamente com os olhos inchados, com certeza não pelos «poderes» dessa fruta, mas pela pancada. Em Lambayeque, estado do norte, que sempre produziu muita lúcuma, diz-se que quem passar debaixo dessa árvore à noite, deixa de crescer e fica baixinho (...).

É notório que a lúcuma se encontra também na Bolívia, Chile e hoje Equador. Mas é no Peru que essa fruta dá nome a 26 pequenas cidades, pelo país inteiro. Vinte delas se chamam Lucma e 5 Lúcuma. Outras plantas importantes para os antigos peruanos também designam diversos povoados, mas sempre em menor quantidade. Cinco povoados se chamam *Pacae* ou *Pacay*, quatro são chamados *Chirimoya* e oito *Chirimoyo*. Qualitativamente e quantitativamente a lúcuma se impõe. ●



Cultura Chimú, 1300 DC



## A ÁRVORE E SEUS FRUTOS

Fernando Cabieses

A árvore de lúcuma, cresce quase até dez metros de altura e quando não é podado ainda pequeno, tem um caule simples, cilíndrico e reto, um tronco viril e forte, como é descrito nas lendas e, facilmente, pode servir de eixo ou apoio para ser usado num telar indígena. A madeira do tronco é clara, compacta e durável, tanto pode ser usada na construção como na fabricação de utensílios.

Prospera nos vales dos Andes e da costa do Peru, que tenham temperaturas uniformes de 20 a 22°C. Não resiste às geadas e se enraiza nos solos secos, bem drenados e irrigados. É pouco resistente às inundações e não cresce bem em climas muito cálidos onde outra variedade chamada lucma (*pouteria macrophila*) se desenvolve. Mesmo sendo mais freqüentemente cultivada nos vales costeiros, planta-se também com êxito em lugares andinos que não passem dos 2.500 msnm. As regiões que mais produzem lúcuma no Peru são Lima, La Libertad, Cajamarca e Huancavelica.

A árvore se reproduz através de sementes, e planta-se o caroço depois de quebrar sua dura casca e deixá-lo completamente nu (...). A árvore de lúcuma frutifica a partir do quarto ano, se inxertada e a partir do quinto se for de semente. Na idade ideal, cada árvore pode chegar a produzir entre 200 e 300 frutas. Existe informação escrita suficiente para combater pragas e doenças.

As árvores de lúcuma tem folhas ovais ou elípticas, de cor verde escuro e brilhante. As flores são pequenas, tubulares, amarelo-verdosas, hermafroditas, com cinco a sete sépalos com penugem, que, na fruta madura, permanecem aderidos ao ponto de inserção do pedúnculo como uma chamativa estrela.

A lúcuma é uma fruta esférica de tamanho variável que nos cultivos selecionados pesa de 100 a 200 gramas. Freqüentemente apresenta um ápice proeminente, de forma cônica, redonda ou ponteaguda, rodeado por um colorido escuro, grisáceo ou opaco, parecido a um mamilo de um jovem seio de mulher núbil.

Fecundada a flor, a fruta demora nove meses a amadurecer. Pouco antes de estar completamente madura, a lúcuma guarda uma cor verde viva, geralmente brilhante, devido à presença de sua leitosa seiva, um látex que exsuda fertilidade, reminiscência do germe de Kon-Iraya quando esse homem-huaca, embelezado, preparava sua semente entre os galhos da árvore que lhe permitiu aproximar-se a Cavillaca... A polpa da lúcuma é úmida e cremosa, delicadamente adocicada. Cor amarelo-alaranjada, da luz roubada de mil crepúsculos. Cor do sol cansado de brilhar. Ouro velho na carne saborosa. Luz de lúcuma no sol moribundo. Assim a lenda diz desde o princípio dos séculos. ●



Cultura Huari Lambayeque, 1000 DC

## O FILHO DA LÚCUMA

Fotolegend

Dizem que, nos tempos antigos, Cuniraya Huiracocha, tomando a aparência de um homem muito pobre, passeava com sua capa e sua roupa esfarrapadas. Não o reconhecendo alguns homens o chamavam de mendigo piolhento. Mesmo assim, este homem alentava a todas as comunidades. Bastava sua palavra para preparar a terra para os plantios e consolidar todos os Andes. Somente com lançar a flor de um canal chamado *pupuma*, abria um riacho desde a nascente. E assim, fazendo todo tipo de façanhas, vivia humilhando aos outros huacas com tanta sabedoria.

Havia uma mulher chamada Cahuillaca que era huaca também. Cahuillaca ainda era virgem e como era muito formosa, todos os huacas e os huillcas queriam se deitar com ela. Mas ela sempre os rejeitava. Acontece que essa mulher, que nunca permitia ser tocada por homem algum, um dia pôs-se a tecer à sombra de uma árvore de lúcuma.

Cuniraya, cheio de astúcia, converteu-se em pássaro e subiu na árvore. Como encontrou uma lúcuma bem madura, introduziu seu sêmem na fruta e a deixou cair perto da mulher. Ela, sem vacilar, comeu a fruta toda contente. Desse modo ficou grávida sem que homem nenhum tivesse se aproximado dela. Nove meses depois, como sempre acontece com as mulheres, Cahuillaca teve um filho, mesmo sendo virgem. Durante quase um ano ela o criou sozinha e o amamentou, sempre perguntando a si mesma de quem poderia ser o filho.

Quando fez um ano – o menino já engatinhava – ela mandou chamar a todos os huacas e huillcas para saber quem era o pai. Ao ouvirem a mensagem, todos os huacas se regozijaram muito e compareceram vestidos com suas mais finas roupas, pensando cada qual ser merecedor do amor de Cahuillaca. Essa reunião aconteceu em Anchicocha. Quando chegaram ao lugar onde a mulher morava, todos os huacas e huillcas se sentaram e então ela lhes falou: «Olhai, varões, senhores, reconheceis esse menino! Quem de vós sois o pai?» E perguntou a cada um deles se o era. Mas nenhum disse ser filho seu.

Cuniraya Huiracocha tinha se sentado a um lado, como sempre fazem os mais pobres. Cahuillaca o desprezou e nem lhe perguntou nada, pois achava impossível que seu filho tivesse sido engendrado por aquele pobre homem, havendo tantos belos varões ali presentes. Como nenhum admitia ser o menino filho seu, ela lhes disse que a própria criança reconheceria seu pai se estivesse presente, subindo-lhe ao colo. O menino engatinhou de um lado a outro da assembléia mas não escolheu ninguém até chegar onde estava sentado seu pai. Só então subiu ao seu colo alegremente.

Quando a mãe o viu, furiosa gritou: «Ai de mim! Como poderia eu dar à luz o filho de um homem tão miserável?» E dizendo isso, se dirigiu ao mar, carregando o filhinho. Então Curinaya Huiracocha disse: «Agora vai ter que me amar!» E vestindo-se com um traje de ouro saiu detrás dela; vendo-o assim todos os huacas se assustaram muito. «Irmã Cahuillaca, chamou-a, olhe aqui. Agora sou muito formoso». E se ergueu iluminando a terra.

Mas Cahuillaca não se virou para vê-lo. Com a firme intenção de desaparecer para sempre por ter tido um filho de um homem tão horrível e miserável, ela se dirigiu ao mar e chegou a um lugar onde, na verdade, até hoje se encontram duas pedras semelhantes a seres humanos, em Pachacamác, mar adentro. No mesmo instante que chegou ali, se transformou em pedra. ●

Gerald Taylor. *Ritos e tradições de Huarochiri*. IFEA, BCR, Universidade Ricardo Palma, Lima, 1999, 502 pp.

Ver também: *Dioses y hombres Huarochiri*. Narração quechua recolhida por Francisco de Ávila. Introdução e tradução ao castelhano de José Maria Arguedas. IEP, 1966.

## RECEITAS

### MAGRET DE PATO EM SEU CALDO ACOMPANHADO DE PURÊ DE LÚCUMA

(La Cofradía, Jean Paul Desmaison)

**Ingredientes:** 560 gramas de magret de pato, 2 onças de vinho branco, 350 ml de caldo de pato, 20 gramas de manteiga, sal. Purê de lúcuma: ½ quilo de polpa de lúcuma, 100 ml de creme de leite, 30 gramas de manteiga, sal.

Temperar o magret e numa frigideira, dourá-lo primeiro pela parte gordurosa a fogo médio até ficar torrado, depois do outro lado, a meio termo. Deglaçar com o vinho branco e agregar esse caldo na panela. Deixar reduzir e juntar a manteiga e o sal. Servir em fatias.

Purê de lúcuma: processar a lúcuma e coar. Levá-la a uma frigideira com o creme de leite, a manteiga e o sal. Mexer até conseguir a consistência de purê.

### SORVETE DE LÚCUMA

(Tata de las Casas)

**Ingredientes:** 2 gemas de ovo, 1 xícara de leite, 1 colher de maizena, ½ xícara de açúcar, 1 lata de leite evaporado congelado, 3 lúcumas grandes, 2 claras.

Misturar as gemas, o leite, a maizena e o açúcar (separando 2 colheres). Ferver a fogo lento. Retirar do fogo ao engrossar. Deixar esfriar, mexendo de vez em quando para não formar nata. Bater o leite evaporado (reservando um pouco), até ficar cremoso e juntar-lo à preparação anterior. Liquidificar as lúcumas com o leite que foi separado e misturá-las com o



creme e o leite batidos. Juntar delicadamente as claras batidas em neve com as duas colheres de açúcar. Colocar em pequenos recipientes e congelar.

### PIE DE LÚCUMA

(Adolfo Perret)

**Ingredientes:** Massa: 2 xícaras de biscoitos de baunilha triturados, ½ xícara de manteiga derretida, 3 colheres de açúcar bem fina, 1 colher de canela. Recheio: 1 quilo de lúcumas, 1 xícara de leite evaporado, ¾ de xícara de açúcar branco, 2 colheres de gelatina sem sabor. Fudge: ¼ de xícara de água, 10 colheres de chocolate em pó, 1 lata de leite condensado.

**Massa:** Misturar os biscoitos com a manteiga, o açúcar fino e a canela até obter uma massa homogênea, com a que se forra a base e os lados de uma forma de 24 cm., apertando bem. Levar ao forno a 175°C (350°F) por 10 minutos.

**Recheio:** Liquidificar a polpa das lúcumas com o leite, o açúcar e um pouco de água. Agregar a gelatina dissolvida em água e refrigerar por 3 horas. Fudge: Levar ao fogo a água com o chocolate. Quando dissolver, juntar o leite condensado e deixar engrossar. Decorar o pie com fudge. ●

\* *Lúcuma, um legado de sabor pre-hispânico*. Editora: Mariella Balbi. Textos de Mariella Balbi e Fernando Cabieses. Fotografias: Hans Stoll. PROLUCUMA, Lima, 2003, 83 pp. prolucuma@amauta.rcp.net.pe www.prolucuma.com

# DE MEDICINA PERUANA

Publicados dois importantes estudos para a ciência médica no nosso país:  
*Cuatrocientos años de salud pública en el Perú*, de Carlos Bustíos Romani e *El reto fisiológico de vivir en los Andes*, de Carlos Monge C. e Fabiola León-Velarde.

ESTUDOS MÉDICOS NO  
COMEÇO DA REPÚBLICA.  
COLÉGIO DA INDEPENDÊNCIA:  
1821-1856\*

Os estudos médicos que continuaram se realizando no Colégio de Medicina e cirurgia, denominado agora Colégio da Independência por ordem do general San Martín em homenagem à contribuição de seus mestres e alunos à guerra de independência. Nesse momento, Francisco Javier de Luna Pizarro era reitor (1819-1823) e Hipólito Unanue, diretor do colégio. O reitor tinha a seu cargo as funções administrativas do centro de estudos e o título de diretor era honorário, recaindo sua nomeação quase forçosamente no Protomédico Geral.

Quando os alunos concluíram o quarto ano de ditos estudos no colégio, estavam em condições de optar os graus universitários de Bachareis em Filosofia e em Medicina na Universidade de São Marcos. Também poderiam obter no colégio os graus de Mestres em Filosofia e em Medicina, depois de dois anos obrigatórios de clínicas, internas e externas, nas salas dos hospitais de Santa Ana, Santo André e São Bartolomeu. Terminados os exames, cumpridos os exercícios depois de seis anos de estudo, um exame geral de todas as matérias do ciclo, autorizava o aluno a se apresentar diante do Tribunal Protomedicato para obter o título de «Professor de Medicina», que lhe dava direito ao exercício público da profissão médica.

O funcionamento do colégio, como em qualquer outra organização nacional, foi afetado seriamente pela anarquia e convulsão política que caracterizou o período de 1821-1844. Além do mais, estava sendo posto em



José Cayetano Heredia (Catacaos, 1797 - Lima, 1861)



Faculdade de Medicina, Lima 1906

prática o Plano Sinóptico de Unanue e seus melhores professores deixaram o colégio precisando assumir importantes cargos políticos. A situação se tornou crítica em 1831, quando as autoridades tiveram que fazer um apelo aos pais de família para que enviassem seus filhos a estudar medicina. Nessas circunstâncias

é nomeado Cayetano Heredia como reitor do colégio e a respeito Valdizam comenta: «A decadência do Colégio tinha chegado aos limites mais dolorosos a ponto de que nos anais de 1836 a 1840 apenas seria possível consignar como expoente do trabalho escolar os títulos outorgados pelo Protomedicato».

Coincidindo com este comentário, Paz Soldán resalta os esforços de Heredia em situação tão difícil: «Quando o Dr. Heredia, em 1834, foi chamado ao reitorado do Colégio, este se encontrava no maior abandono, pois com escassez de rendas para seu sustento e dos estudantes, pelo menosprezo com que se via a profissão médica, era provável sua próxima ruína (...) em meio a discussões políticas que então agitavam a Pátria, vencendo mil dificuldades sustentou o Colégio até 1839, quando foi retirado do cargo» (...) logo, o general Francisco de Vidal ao iniciar sua gestão, restituiu a Cayetano Heredia o seu cargo de reitor do colégio (...)

Desde 1841, Cayetano Heredia iniciou uma série de reformas no Colégio Independência, que culminariam com a criação da Faculdade de Medicina. Para instrumentar academicamente essas reformas, Heredia, com seus poucos recursos, enviou a Paris um grupo de jovens que já tinham terminado seus estudos no Colégio Independência. Entre os becados beneficiados pelo altruísmo do «pai Cayetano», estiveram José Casimiro Ulloa, José Pró, Francisco Rosas, Rafael Benavides e Camilo Segura. Eles se encarregaram de enviar de Paris livros para a biblioteca do colégio e materiais para os gabinetes de Física e de História Natural e o laboratório de Química. Desde o começo do século XIX, Paris era o centro de renovação nas ciências, Ulloa e seus companheiros estiveram nessa cidade entre 1851 e 1854. ●

\* Carlos Bustíos Romani. *Cuatrocientos años de salud pública en el Perú (1533-1933)* Concytec/Fondo Editorial UNMSM, Lima, 2004, 707 pp. [www.concytec.com.pe](http://www.concytec.com.pe) [webmaster@concytec.gob.pe](mailto:webmaster@concytec.gob.pe) [http://unmsm.edu.pe/fondo\\_editorial/](http://unmsm.edu.pe/fondo_editorial/)

Este livro\*\*, para o qual me agrada escrever estas linhas introdutórias, apresenta um conjunto importante de conhecimentos sobre a vida nos Andes, condensados e editados por dois cientistas reconhecidos internacionalmente no campo da fisiologia e patologia de altitude. Carlos Monge C., médico e pesquisador, consagrou toda sua obra à exploração dos mecanismos de adaptação da vida nos Andes, tendo estudado particularmente a função renal nos naturais e residentes de altitude e dirigido numerosos estudos de fisiologia comparada. É digno seguidor da obra pioneira de seu pai, Carlos Monge C., a quem devemos as primeiras descrições, em 1923, da policitemia crônica de altura ou Enfermidade de Monge. Fabiola León-Velarde S., fiel discípula de Carlos Monge C., dando continuação à sua obra, dirige o Laboratório de Transporte de Oxigênio da Universidade Peruana Cayetano

## O DESAFÍO DA ALTITUDE

Jean-Paul Richalet\*

Heredia, cujos campos de investigação ampliou, desenvolvendo também numerosas colaborações internacionais com a França, o Reino Unido e Itália, entre outros. É assim como os dois autores principais dessa obra coletiva conseguiram obter reconhecimento internacional: ela é e ele foi, Vice-Presidente da Sociedade Internacional de Medicina de Montanha.

Os cientistas e médicos peruanos envolvidos nesse tema compartilham o interesse pela vida nas alturas com os países andinos. Particularmente, os trabalhos clínicos e experimentais do Instituto Boliviano de Biología de Altura, criado em La Paz com cooperação francesa, realizaram contribuições importantes à biologia da hipoxia. Os equatorianos e

argentinos também agregaram valiosas contribuições a esse conhecimento, que agora são parte integrante do patrimônio universal. Não obstante, os peruanos sempre pioneiros nesse campo para descrever a patologia crônica do habitante de planícies altas, assim como a patologia aguda associada ao ascenso rápido à altura. De fato, muita gente se esquece que as primeiras descrições do edema pulmonar de altitude foram realizadas por médicos peruanos que trabalhavam nas minas de Morocha e Oroya. Lamentavelmente, estas não tiveram o merecido reconhecimento devido a que não foram publicadas em inglês, em revistas de difusão internacional.

A escola peruana de fisiologia de altitude é única no mundo, pois poucos países dedicaram tanta energia e paixão ao conhecimento da adaptação do homem a um ambiente tão particular. Resta assinalar que o tema está vinculado de maneira direta à saúde de milhões de andinos que vivem, trabalham e morrem nas planícies altas. Esta obra permitirá esclarecer certos conceitos de adaptação à hipoxia. Esse livro contribuirá a dar verdadeira importância à biologia e à medicina de altitude, que é às vezes esquecida pelos próprios peruanos, principalmente pelos que vivem em Lima. ●

\* Universidade de Paris, Biobigny, França.  
\*\* Carlos Monge C. e Fabiola León-Velarde S. *El reto fisiológico de vivir en los Andes*. IFEA/Universidad Peruana Cayetano Heredia. Lima, 2003. 435 pp. [www.ifeanet.org.pe](http://www.ifeanet.org.pe) [postmaster@ifea.org.pe](mailto:postmaster@ifea.org.pe) / [upch@upch.edu.pe](http://upch@upch.edu.pe) [www.upch.edu.pe](http://www.upch.edu.pe)



# SONS DO PERU

MANONGO MUJICA - «EL SONIDO DE LOS DIOSES» (Cernicalo Producciones, 2004)

Segundo as palavras de Max Planck citadas pelo próprio Mujica no folheto que traz este disco, «a música é uma tentativa de resolver ou ao menos exprimir o mistério último da natureza». O famoso percussionista peruano, integrante do emblemático quarteto Peru Jazz, formou uma carreira inteira à base da premissa; descobrir o vínculo intrínseco que existe entre a harmonia e a terra. Nesse disco Mujica apela a um verdadeiro arsenal de instrumentos autóctonos (sementes, bumbo andino, kalimba, cajón, etc.) para realizar um versátil itinerário pelos estímulos sonoros que parecem ter sua origem na sabedoria ancestral dos primeiros habitantes do que é atualmente o Peru. Resta mencionar ainda, que Mujica não esteve só nessa aventura: acompanharam-no «Chocolate» Algondones (mestre do



Foto Fátima López Carías.

cajón afro-peruano), recentemente falecido, além de Pepita García Miró, César Vivanco e outros artistas.

CÉSAR PAREDO - «COSAS DE NEGROS» (Adagio, 2004)

Confirmando a enorme vitalidade sonora da música popular peruana, especialmente a costeira, e demonstrando

uma vez mais que a fusão enriquece, o flautista César Peredo surpreende com «Cosas de negros», sua produção mais recente, na que o acervo afro-peruano, a tradição clássica e o jazz, dão-se um abraço satisfeito, coisa que javinha sendo gestado desde sua anterior produção «Despertando». Cabe destacar também que boa parte dos 14 temas que integram o disco são compostos pelo próprio Peredo que, apelando a ritmos como o festejo, o landó e a zamacueca, consegue uma sonoridade que, sem trair suas raízes mais profundamente peruanas, tem um lugar seguro no contexto musical contemporâneo. Destacam os temas «Sebastián», «Al Señor Festejo» e «Adiós 98»; «Nardamelón» (Pumarada).

TEMPLE DIABLO - QUARTETO DE GUITARRA ANDINA (Independente, 2004)

A guitarra é o instrumento harmônico mais representativo da mú-

sica peruana, em parte porque permitiu as quotas de mestiçagem mais rica e também porque contribuiu para criar verdadeiras escolas desse instrumento nas diversas regiões do país. Honrando a tradição da guitarra peruana, aparece Temple Diablo, um afiançado quarteto que revisita algumas páginas certamente memoráveis do folclore andino, como «Mi Amigo» (do grande Raúl García Zárate), «Vilcanota» (Guevara Ochoa) e o valz «Remembranzas» (Pedro Espinel). Um trabalho de filigrana, que alcança verdadeiras cumes de emotividade, lirismo e grande delicadeza musical. Também é sabido que atualizar com frescor temas tradicionais é uma tarefa que poucos podem cumprir exitosamente. O aparecimento deste quarteto contribui a manter viva a chama de uma tradição que, sem dúvida, se encontra muito longe de estar esgotada. (Raúl Cachay). ●

## AGENDA

PRIMEIRA REUNIÃO DE MINISTROS E AUTORIDADES EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA INTERAMERICANA.

Nos dias 11 e 12 de novembro se realizará em Lima a Primeira Reunião de Ministros e Altas Autoridades em Ciência e Tecnologia no âmbito do Conselho Interamericano para o Desenvolvimento Integral (CIDI). A reunião, que a nível nacional é organizada pelo Conselho Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação Tecnológica (CONCYTEC) com o apoio da Chancelaria peruana, se realizará na sede da Comunidade Andina e contará com a presença de aproximadamente 100 representantes dos países da região, membros da Organização dos Estados Americanos (OEA), assim como de outras altas autoridades regionais, entre as quais o Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Os ministros, altas autoridades ou seus representantes examinarão exaustivamente o desenvolvimento da ciência e da tecnologia na região, com especial ênfase na identificação dos obstáculos e a promoção e financiamento dessa área prioritária para o desenvolvimento de nossos povos.

COMISSÃO MULTI SETORIAL PARA A GESTÃO DO PATRIMÔNIO MUNDIAL DO PERU.

O Ministério de Relações Exteriores preside desde finais do mês de junho passado, a Comissão Multisetorial encarregada de preparar uma proposta normativa integral para a gestão dos sítios peruanos inscritos na lista

de Patrimônio Mundial: O Santuário Histórico de Machu Picchu; os centros históricos de Cuzco, Lima e Arequipa; os sítios arqueológicos de Chavín de Huantar, Nazca e Chan Chan, e os parques naturais de Huascarán, Manu e Rio Abiseo. A Comissão é integrada pela Presidência do Conselho de Ministros, os ministérios de Educação, Justiça e Agricultura, o Instituto Nacional de Cultura e o Instituto Nacional de Recursos Naturais. Conta também com a valiosa participação dos governos regionais e municipais nos casos que correspondem, à Comissão subdividir seu trabalho em quatro grupos (I. Machu; II. Centros Históricos; III. Centros Arqueológicos e IV. Parques Naturais) e já realizou, com a participação de setores representativos da sociedade civil, dos ateliês de trabalho nas cidades de Cuzco (grupos I e II) e Huaraz (grupos III e IV), onde foram aprovados por consenso os diagnósticos, objetivos e critérios de gestão que devem orientar –numa perspectiva transdisciplinária e inter-institucional– a proposta que formulará nas próximas semanas.

Pela importância particular, assinalamos aqui os objetivos que serão considerados para a elaboração de um novo modelo de gestão de Santuário Histórico de Machu Picchu:

### Objetivos em relação à conservação:

- Garantir que o Santuário Histórico seja intangível, inalienável, imprescritível e autêntico, e a conservação de seu

patrimônio cultural e natural acorde a padrões internacionais. Nenhuma obra moderna ou a ser construída no Santuário Histórico deve alterar seus valores de autenticidade patrimonial nem seus ecossistemas ou equilíbrio harmônico alcançado pela genialidade dos incas entre arquitetura e natureza. As obras modernas que comprometam dito equilíbrio devem ser paulatinamente transformadas ou demolidas.

- Garantir o equilíbrio e a conservação das zonas de Proteção e Amortização do SHMP de acordo com os mesmos critérios e no contexto de direção igualmente coerente do vale de Vilcanota e o patrimônio da região.

### Relativo à gestão:

- Dotar o Santuário Histórico de Machu Picchu de um código jurídico especial acorde à sua condição de bem natural e cultural indivisível, Patrimônio da Humanidade, da Nação e do Cuzco.
- Garantir, baseando-se no cumprimento das normas que se adotem e no estabelecimento do princípio de autoridade, uma gestão eficaz, oportuna e unificada (comando unificado), tanto na tomada de decisões como de ações e intervenções, privilegiando os critérios técnicos tanto no planejamento e na gestão locais; como na avaliação do Plano de Manejo Integral e os planos anuais que dele se derivem. ●

LA CULTURA CAMBIA EL FUTURO

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO EN EL PERÚ

**Backus**  
FUNDACIÓN

PETRÓLEOS DEL PERÚ



AL SERVICIO DE LA CULTURA

### CHASQUI

O correio do Peru  
Boletim Cultural

MINISTERIO DE RELACIONES  
EXTERIORES

Sub-secretaria de Política Cultural Exterior  
Jr. Ucayali n°363 - Lima, Perú.

Telefone: (511) 311-2400 Fax: (511) 311-2406  
E-mail: [postmaster@rree.gob.pe](mailto:postmaster@rree.gob.pe)  
Web: [www.rree.gob.pe](http://www.rree.gob.pe)

Os artigos são responsabilidade de seus autores.  
Este boletim é distribuído gratuitamente  
pelas Missões do Peru no exterior.

Tradução:

Angela María Maldonado Peltier

Impressão:

Tarea Asociación Gráfica Educativa  
Telefone: 424-8104

DIRETÓRIO EMPRESARIAL

PROMPERÚ

Comisión de Promoción del Perú  
Calle Oeste n°50 - Lima 27  
Telefone: (511) 224-3279  
Fax: (511) 224-7134

E-mail: [postmaster@promperu.gob.pe](mailto:postmaster@promperu.gob.pe)  
Web: [www.peru.org.pe](http://www.peru.org.pe)

PROINVERSIÓN

Agencia de Promoción de la Inversión  
Paseo de la República n°3361  
Piso 9 - Lima 27  
Telefone: (511) 612-1200  
Fax: (511) 221-2941  
Web: [www.proinversion.gob.pe](http://www.proinversion.gob.pe)

ADEX

Asociación de Exportadores  
Av. Javier Prado Este n° 2875 - Lima 27  
Telefone: (511) 346-2530  
Fax: (511) 346-1879  
E-mail: [postmaster@adexperu.org.pe](mailto:postmaster@adexperu.org.pe)  
Web: [www.adexperu.org.pe](http://www.adexperu.org.pe)

CANATUR

Cámara Nacional de Industria y Turismo  
Jr. Alcanfores n° 1245 - Lima 18  
Telefone: (511) 445-251  
Fax: (511) 445-1052  
E-mail: [canatur@accion.com.pe](mailto:canatur@accion.com.pe)

# O SENHOR DOS MILAGRES

Renata e Luis Millones\*

Outubro é conhecido no Peru como o mes roxo pela cor do hábito que usam milhares de devotos do chamado Cristo de Pachacamilla. Esse culto começou em Lima, em 1650, quando um escravo preto pintou, sobre um muro de barro, a venerada imagem.

A história eclesástica lembra o primeiro milagre do Cristo Morado: dia 6 de outubro de 1671 quando na tentativa de apagarem a imagem cumprindo ordens do clero da época, os encarregados de cumprir a tarefa sofreram sucessivos acidentes e perceberam que a imagem tinha proteção divina. Depois, ao resistir o terremoto de 1687 que assolou Lima e Callao, deu lugar a uma fervorosa procissão com uma imagem que copiava a original. Finalmente o vice-rei Amat, em 1771, inaugurou o templo do Senhor dos Milagres e desde essa data se organizou o culto como qualquer outra festa popular, com mordomos e devotos, até 1878 quando se organiza formalmente a Irmandade de Carregadores e Incensadores do Senhor dos Milagres, com notável presença de descendentes africanos. No início do século passado já eram vinte as brigadas de homens que carregavam os andores e duas as de mulheres que incensavam as imagens do Cristo Morado, provavelmente desde o século XVIII. Essa imagem é de origem equatoriana e seu culto se inicia perto de 1696.

No começo do século XX, esse festival era equivalente ao do Senhor de Luren, que se celebra em Ica, e ao Cristo Cativo de Ayabaca do estado de Piura. Uma testemunha presencial nos relata que a procissão saía todo dia desde o dia 18 de outubro. Hoje os fiéis chegam a meio milhão dos habitantes de Lima que saem para ver a imagem e que paralizam o centro da cidade.

Se examinarmos de perto as imagens, poderemos notar que tem pequenos orifícios onde os devotos prendem as jóias que as enfeitam e que são muito valiosas, como também é o andor que pesa mais de duas toneladas. As procissões se realizam em Lima nos dias 18, 19 e 20 de outubro e podem durar mais alguns dias. As imagens percorrem grande parte do Centro de Lima e se detém para receber homenagem no Palácio de Governo, Prefeitura de Lima, Arcebispado, Congresso, Palácio do Justiça e Hospital Loayza, alguns dos organismos públicos mais importantes. Desde 1996, devido à grande extensão da capital, o percurso da procissão se estendeu a outras zonas da cidade onde chega num veículo motorizado.



A procissão do Senhor dos milagres nas ruas de Lima.

«As manifestações de fé de uma multidão são inponentes. Dominam, impressionam, seduzem, oprimem, apaixonam, estremecem. A contemplação de uma multidão que invoca a Deus sempre comove com irresistível força e profunda ternura. A passagem da procissão do Senhor dos Milagres pelas ruas de Lima, causa uma profunda emoção à toda a cidade, surpeedida e invadida por um sentimento ingênuo, sedante e religioso (...).

Eu já senti e vi a procissão. Eu compreedi então o que significa e o que representa na vida da cidade. Eu amei então o instante em que o magnífico espetáculo de um recolhimento tumultuoso e sonoro enterneceu e encolheu de repente o meu coração».

José Carlos Mariátegui, *La Prensa*, Lima 1917.

A presença maciça do público devoto, concedeu ao Senhor dos Milagres valores políticos insuspeitáveis há cinquenta anos atrás. Governadores limenhos presidentes ou parlamentares fazem ato de presença e inclusive vestem o hábito roxo durante alguns momentos da procissão. Também alguns artistas ou esportistas juntam-se a eles, procurando que o Cristo Moreno compartilhe o milagre de sua popularidade.

Atualmente, o crescimento da capital impossibilita que andores sejam levados somente pelos braços de seus carregadores. Recentemente o Senhor dos Milagres viaja de carro aos bairros mais afastados. Outras imagens do mesmo Cristo imitam a procissão de Lima em vários lugares do Peru e nas cidades estrangeiras onde a emigração levou os peruanos (Nova Jersey, Nova Iorque, Roma, Madri, Paris, etc.).

É interessante comprovar que a capital indígena do Peru e seu centro político moderno tenham adotado como patronos a duas imagens de Cristo crucificado. Observando outros eixos de origem colonial, como México, o Peru aparece como um país cristocêntrico diferindo à devoção de Nossa Senhora de Guadalupe, por exemplo. Outras imagens femininas, como a de Santa Rosa cuja veneração ultrapassou os limites de Lima, dificilmente competiriam com a devoção ao Cristo de Pachacamilla.

Finalmente, não podemos esquecer a constante devoção dos descendentes africanos. O mesmo observador os relembra quando fala da irmandade dos carregadores, dirigida por um enérgico capataz. Até hoje ainda um bom grupo de afro-descendentes acompanha a imagem durante a procissão mas o próprio culto agora é privilégio de todos os peruanos.

Há alguns anos começou a ser difundida a tese da continuidade dos cultos pre-colombianos no culto ao Senhor dos Milagres. A proposta é interessante mas é preciso haver mais documentação que cubra o longo período que separa ambas devoções. De ser comprovada a hipótese, teríamos em vigência um culto de origem milenar, ainda desfilando pelas ruas de Lima. ●

\* Renata e Luis Millones. *Calendário tradicional peruano*. Fondo Editorial del Congreso. Lima, 2003. 183pp.  
Ver também: María Rostworowski. *Pachacámac y el Señor de los Milagros*. Instituto de Estudios Peruanos. Lima, 1992.